

BRASIL-PORTUGAL

1 DE DEZEMBRO DE 1908

N.º 237

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L., do Conde Barão, 50 — Lisboa.

A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II



NO PORTO. — Grandiosa manifestação feita a El-Rei na rua de Entre Paredes

(Cliché de Joaquim de Azevedo, amator. — Ampliação de A. C. Lima).

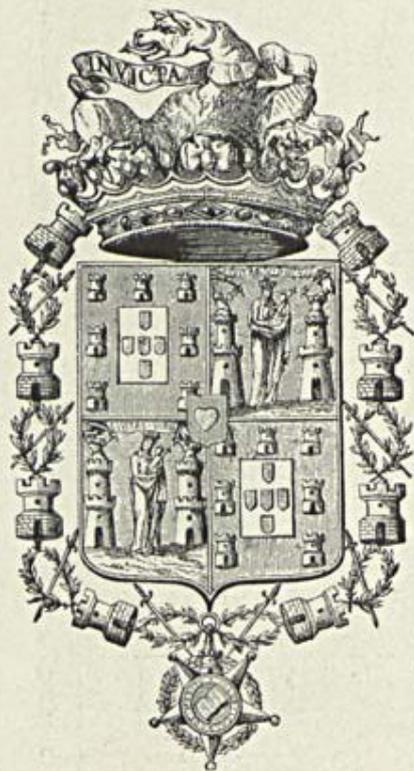
Palacio Real do Porto

O Palacio Real do Porto, antigo palacio dos Carrancas, foi vendido a D. Pedro V, em 1861, pela baroneza de Nevogilde, por trinta contos de reis, segundo se diz.

Está situado na rua do Triunpho e foi mandado construir em 1795 por Manuel Mendes de Moraes e Castro e Izidoro Luiz de Moraes e Castro, capitães de milicias e barões de Nevogilde.

A denominação do Palacio dos Carrancas provem da alcunha dos seus fundadores que durante muito tempo viveram na antiga rua dos Carrancas, actualmente rua da Liberdade, sendo elles a familia mais saliente do sitio não só pela sua avultada fortuna como tambem por terem ali montada uma fabrica de galões d'ouro, por privilegio concedido pelo governo, visto que n'aquelle tempo só a real fabrica de Lisboa produzia aquelle artefacto.

Os fundadores do palacio eram filhos de Luiz d'Almeida de Moraes, consul de Napoles no Porto, e de sua esposa D. Brites Felizarda de Castro e eram



Brazão d'Armas da cidade do Porto

netos de D. Marianna de Alvim e Castro e de Luiz de Almeida e Castro, descendentes dos Castros de Castella.

O palacio foi primorosamente construido e luxuosamente decorado, trabalhando n'elle alguns artistas mandados vir expressamente da Italia.

Por occasião das invasões napoleonicas o palacio soffreu bastante, não sendo saqueado porque n'elle se hospedaram alguns generaes francezes.

Tambem habitaram no palacio dos Carrancas os generaes Wellington e Beresford, o principe de Orange e D. Pedro IV em 1832, quando foi do cerco do Porto, estabelecendo n'elle o seu quartel general; já pelas vastas proporções do edificio, já pela confiança que tinha nos donos da casa a quem tratava como familia, sentando-os sempre á sua mesa.

Claro é que o exercito miguelista passou a fazer alvo do palacio, chovendo constantemente sobre elle balas e granadas que muito o damnificaram, entrando um dia uma bala de calibre 24 no proprio quarto de D. Pedro, despedaçando-lhe a cabeceira do leito, o que fez com que o imperador mudasse de residencia.

O palacio tem magnificas salas como pôde ver-se pelas gravuras que o *Brasil Portugal* hoje publica.

Viagem d'El-Rei ao Norte

Quasi todas as paginas d'este numero são consagradas á viagem d'El-Rei. No Porto, em diversas localidades do norte, sob varios aspectos, apparece em dezenas de gravuras a figura insinuante e sympathica do jovem soberano de Portugal. Mais uma vez vem a objectiva photographica confirmar o enthusiasmo transmittido pelo telegrapho, ou vibrando na prosa dos chronistas e na informação dos reporters.

Em muitas d'essas gravuras é a multidão que sobresaie, a multidão constituida por todas as classes sociaes. Reparem bem n'esse conjuncto admiravel, n'esse mar de cabeças que se ergem, n'esses chapéus que se agitam, n'essas palmas que parecem resoar atravez mesmo da photographia, n'esses labios que soltam vivas, n'esses olhos que faiscam de admiração, de contentamento, e do desejo satis-



(Cliché de Constantino Guedes — Porto).

Palacio Real do Porto. — Gabinete de El-Rei

PALACIO REAL DO PORTO

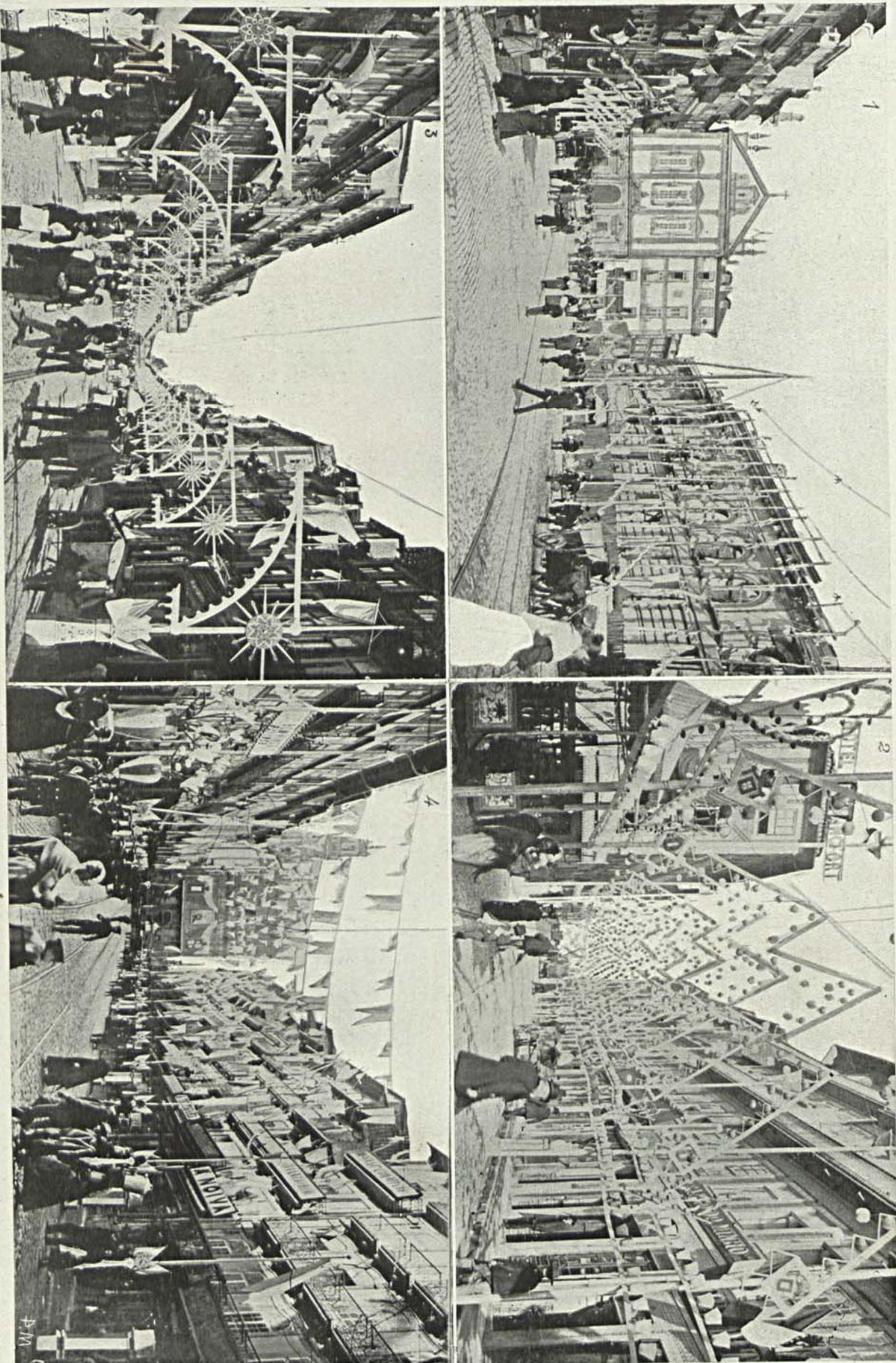


Sala de espera



Sala de jantar

A primeira viagem oficial do Senhor D. Manuel II



(Ricché de Joaquim Azevedo — amador)

Ornamentações d'algumas ruas do Porto por ocasião da chegada de El-Rei
1. Praça Almeida Garret. — 2. Rua de D. Pedro. — 3. Rua Sá da Bandeira. — 4. Rua dos Clerigos

A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II



No Porto. — No dia do anniversario de El-Rei
Fila de trens dirigindo-se ao paço

feito de terem fitado, por minutos, a doce, a pallida, a intelligente, a bondosa physionomia do Rei.

Bem haja o Porto, bem haja a incomparavel cidade do trabalho e do heroismo, aquella que guarda o coração do rei soldado, e é a primeira sempre a combater na defesa ou pela independencia da patria, bem haja a cidade laboriosa, por não ter permitido que nenhuma outra do paiz lhe leve a palma em manifestações que vão desde a ostentação opulenta até ao sentimento e á emoção na sua maxima intensidade.

Bem hajam com o Porto essas localidades do norte, cujas populações se esmeraram em acompanhar o Rei, em o saudar, em lhe manifestar por todas as fórmas o sentimento de viva e profunda sympathia pela sua dolorosa mocidade, e a mais inalteravel e firme adhesão ao principio monarchico de que elle é o supremo representante.

E' possível que alguém tenha rido ou desdenhado das exclamações ingenuas e ternas que de muitos labios sahiam á passagem do sr. D. Manuel.

Vox populi vox Dei, ensina o velho dictado e os dictados velhos são a sabedoria das nações. E as mães, as esposas, os velhos, as crean-



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

No Porto. — No dia do anniversario de El-Rei
José da Cunha Lima, commandante da corveta Estephania,
dirigindo-se ao paço
(Cliché do photographo Cardoso—Porto).

ças, que saudavam o monarcha á sua passagem triumphal, não faziam mais que traduzir o consenso unanime, a opinião de toda a gente, traduzidos n'uma sympathia profundissima, e, ao mesmo tempo, n'uma radicaça esperança.

Para todos esses o Rei era o penhor d'um futuro melhor, era elle proprio, creança ainda, a viva encarnação da patria, sobretudo no actual momento que ella atravessa, de dôr e de crise. Por isso essas exclamações ingenuas, — no conceito de alguns — eram para o espirito culto do soberano mais valiosas que as demonstrações officiaes, e no seu animo recto e juvenil deixavam uma impressão mais sentida e funda que o espectaculo festivo das musicas tocando hymnos em sua

honra, das salvas d'artilharia, do estrallear dos foguetes, de todas essas manifestações imponentes e grandiosas.

O *Brasil-Portugal* sauda por seu lado as populações visitadas por El-Rei, porque todas ellas, collectividades e particulares, academicos e operarios, trabalhadores de todas as profissões, individualidade de todas as gerarchias, todas ellas, desentranhando-se em manifestações entusiasticas pelo moço principe bem mereceram da patria integra, pelo brio com que sustentaram o sentimento monarchico, pela força que vieram trazer ao regimen entre nós implantado ha cerca de nove seculos, e pelo exemplo que a todos acabam de dar



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

No Porto. — No dia do anniversario de El-Rei
[Officialidade da canhoneira hespanhola entrando no paço

de fé monarchica, de crença no futuro, e da força civica bastante para tornar os indifferentes de hoje em heroes de amanhã, para encher de confiança no futuro o coração dos mais incredulos, para insistentemente nos lembrarmos de que o nosso cerebro, o nosso coração e os nossos braços, devem estar ao serviço da patria e do Rei.



PATRIA NOVA

A Academia Monarchica

Passa El-Rei. Vae nos braços do seu povo.
O reino é velho, mas o rei é novo;
Por isso vae levado
N'uma onda de ternura e carinho
Que afflue de cada lado
Enchendo-lhe de bençãos o caminho.

Viva El-Rei! Viva El-Rei!...
E El-Rei sorrindo,
(Meu Deus quando sorri como elle é lindo!)
Afaga a multidão que grita e o aclama,
E no ar, bôcas em braza, olhos em chamma,
O ergue na certeza
De que ergue e aclama a patria portugueza.

Viva El-Rei! Viva a Patria!... A patria nova
Ha de surgir da patria velha. O povo
Se a patria é velha, vê que o rei é novo,
E', erguendo o rei, que a patria se renova.

Pombas, flores, damascos, colgaduras,
Tremem no espaço. Vae El-Rei passando;
Com elle passa o coração sonhando,
Liberto de amarguras.

Passa com elle a patria... Mocidade.
Erguei-o, aclamae-o;
Elle é formoso como o mez de Maio
E tem a vossa idade.

E gritae: Viva a Patria! Viva El-Rei!
Que embora o mar em furia se encapelle
Ameaçador, se El-Rei viver, sabei
Que a Patria Nova ha de viver com elle.

Conde de Monsaraz.



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II
No Porto. — No dia do anniversario de El-Rei
O bispo conde ao entrar no paço



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II
No Porto. — No dia do anniversario de El-Rei
O bispo do Porto sahindo do paço depois da recepção

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

LVII

Pinheiro Chagas. — Inauguração do seu monumento na Avenida da Liberdade. — Uma simples e tocante solemnidade. — Um grande caracter e um alto espirito. — A viagem de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II ao Norte. Manifestações entusiasticas ao Monarcha. — A lenda do paiz republicanizado. — Despeitos e amuos. — Quem com Legião... Legião. — Outras viagens de Sua Magestade. — Agradece-se uma esmola.

Com aquella simplicidade que caracteriza os preitos commovidos e sinceros, foi inaugurado no dia 13 de novembro, na Avenida da Liberdade, o monumento a Manuel Pinheiro Chagas, o admiravel polygrapho que n'uma exhaustiva e proba vida de trabalho foi, a par de um nobre e grande espirito, um dos mais lidimos, puros caracteres.

Evocando a sua memoria, revivendo-o na nossa saudade, não sabemos que mais admirar n'essa extraordinaria figura: se a grande elevação do seu espirito, se a integridade do seu caracter.

O formidavel jornalista e orador cuja penna e cuja palavra valiam exercitos; o politico militante que passou pelos conselhos da coroa, o historiador, o romancista, o poeta, o dramaturgo, o professor, apoz dezenas de annos de um trabalho fabuloso que nimbou de impere-



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II
No Porto. — No dia do anniversario de El-Rei
Ao centro o presidente da Camara Municipal do Porto.
Aos lados os vereadores



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II
No Porto. — No dia do anniversario de El-Rei
A recepção no paço



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II
No Porto. — A multidão junto do palacio victoriando El-Rei
no dia do seu anniversario
(Cliché do photographo Cardoso — Porto).



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II.

No Porto. — A multidão em frente do palacio acclamando El-Rei no dia dos seus annos

civil, gloria o seu nome, morreu pobrissimo, testando aos filhos que ahí estão a honral-o apenas o seu nome prestigiosissimo.

E, no entanto, a sua gloriosa vida de insanissimo e prodigioso trabalho bastaria a enriquecer muitos em terra estranha. E, no entanto, a Politica, a cuja sombra muitas mediocridades tem medrado em planos inferiores, teve n'elle um dos seus mais illustres paladinos, grande entre os grandes, no jornalismo, no parlamento, nos conselhos da corôa.

E' que elle foi sempre e em tudo um idealista. Era dos que sentiam, criam e esperam confiantes. Os accidentes da vida nunca o modificaram. Nem a politica fez d'elle um pratico; morreu impenitente esse romantico — talvez o ultimo romantico.

A sinceridade, que era o traço dominante do seu feitiço moral, prejudicou-o. Na caminhada aspera da existencia encontrou-se a cada passo com aquellas personagens que hoje denominamos com muita propriedade — *videiros*.

Complacientemente elle parava para os deixar passar, n'um impulso naturalissimo de nobre orgulho, n'uma repugnancia invencivel pelas más companhias... E foi sempre assim, até ao fim. Comtudo, tendo elle, o grande, desaparecido, e subsistindo os pygmens, ninguém

mento toda a vida modelar do grande cidadão que foi um raro exemplo de virtudes e um intrepido combatente nas ardidias pelejas pela Patria?...

Feliz, elle, que morreu a tempo, com o seu ideal, com a sua crença, com a sua fé. E aí de nós que, recordando-o, deixamos repousar no passado os olhos cansados da contemplação do presente e alterados da visão do futuro...

A viagem de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II ao Norte do paiz tem sido um verdadeiro triumpho para a causa monarchica e, pessoalmente, para o principe querido de todos os portuguezes, pois que a todos, ainda aos mais intransigentes adversarios se impõe pelas suas brilhantes qualidades de character, pela sua provada bondade, pelo escrupuloso respeito á lei, pela boa vontade, tantas vezes demonstrada; de exercer a sua alta magistratura de conformidade com as exigencias do espirito liberal do paiz.

Não só a Cidade da Virgem se esmerou em receber com primores de gentileza e gazalhar fidalgamente o jovem soberano, honrando as suas tradições de terra hospitaleira e bizarra. Em Braga, em Vianna do Castello, em Coimbra e em outros pontos, o sr. D. Manuel II tem recebido as mais inequivocas provas de affecto do povo, em recepções entusiasticas, ovações calorosas, festejos brilhantissimos. E por toda a parte o soberano tem deixado a melhor impressão, não só pelo interesse que tudo lhe merece e pela inexcédível affabilidade do seu trato, como especialmente pelas claras, terminantes affirmações feitas nos discursos que tem pronunciado quer nas recepções officiaes quer nas festas que tem honrado com a sua presença.

Não se pode definir mais honrada e claramente uma linha de conducta como o fez o rei de Portugal nas allocações pronunciadas na Camara Municipal do Porto, na Associação Commercial da mesma cidade e em outros pontos; e a impressão de agrado que as firmes e terminantes palavras do monarcha produziram no espirito publico está demonstrada sobeja e precisamente... no manifesto desagrado com que foram acolhidas pelos inimigos das instituições.

As festas em honra de El-Rei, que por vezes tem assumido o



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

No Porto. — Visita ao Palacio da Bolsa. — O dr. Julio de Araujo acompanhando Sua Magestade

distingue estes na sombra da mediocridade em que rastejam, ao passo que a obra estupenda d'esse prodigioso espirito perdura na nossa gratidão e na nossa saudade.

Sem o fausto das solemnidades officiaes, sem convencionalismos nem formalidades absurdas, a inauguração do monumento a Pinheiro Chagas foi um acto tocante e consolador. Sel-o-ia sempre. Mas actualmente, n'esta epoca de excepção que atravessamos, em que todos vivemos attribulados por mil preocupações, o desanimo apossando-se das almas de melhor tempera, a descrença abalando os espiritos mais fortes, receosos de tudo e de todos, a glorificação d'esse portuguez tantas vezes grande foi como que um viatico fortalecedor n'uma hora extrema.

Quem não sentiu n'essa hora de justiça, que esse grande e nobre espirito desceu até nós abrasando-nos na febre do ideal, na crença, na fé, de que andamos tão alheados? Quem não recordou n'esse mo-



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

No Porto. — Sua Magestade á sahida do Palacio da Bolsa (Cliché do photographo Cardoso — Porto).



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

No Porto. — A direcção da Associação Commercial

Da esquerda para a direita: — Eduardo Barreto, J. Morgan, José Saraiva, Guilherme Andressen, Antonio Ramos Pinto, dr. Julio de Araujo, Antonio Luiz da Fonseca, Clemente Meneses, etc.

caracter de apotheoses, tal o entusiasmo, a grandeza e sinceridade das manifestações ao jovem soberano, desorientaram, de facto, os elementos radicais e foram até—para que não o diremos?—uma surpresa para muitos descrentes, convencidos de que o paiz estava republicanisado.

Essa desorientação manifestou-se em tudo, desde a inoportunidade dos comícios realizados no Porto e em Coimbra—aquelle no proprio dia do anniversario do monarcha!—até aos relatos das festas redigidos por forma que bem deixa transparecer o despeito e o desapontamento.

A nota mais curiosa d'essa desorientação merece registro especial. No Porto, um grupo de rapazes, constituiram uma associação ou liga denominada *Legião Azul*. Essa liga, como o titulo indica, é retintamente monarchica.

Ora, como os rapazes se evidenciassem em carinhosas e entusiasticas manifestações de lealdade e sympathia ao Rei, teem sido desfeiteados pela imprensa radical, ridiculizados, enxovalhados. Tudo se tem dito d'elles, de idiotas e sabujos para baixo. Sobre tudo a ideia da associação e o titulo, *Legião Azul*, teem merecido as mais desapiedadas troças.

Pois bem. Ha dias a imprensa republicana annunciou a fundação... de uma *Legião Vermelha*!

Não lhes digo mais nada nem é preciso.

Annuncia-se agora o regresso de El-Rei a Lisboa para o dia 8 de dezembro, constando que Sua Magestade terá uma imponentissima recepção, e referem gazetas de informação segura estar assente a visita do soberano ás provincias do Alemtejo e Algarve na primavera proxima.

Só os mal intencionados deixarão de receber com alegria estas noticias de aproximação do Rei do seu povo, que tantos e tão beneficos resultados devem ter, dado o interesse com que o monarcha procura inteirar-se de tudo quanto diz respeito á economia e ao progresso do paiz. Haja a vista a solicitude com que Sua Magestade tem visitado, no Porto, os grandes estabelecimentos industriaes e commerciaes e o disvelado empenho com que se informa de tudo, no nobre intuito de, na esphera da sua acção de rei constitucional, prover ao desenvolvimento e prosperidade das forças vivas da nação.



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

No Porto. — A direcção do Hospital do Carmo aguardando Sua Magestade

(Cliché do photographo Cardoso — Porto).

Que Deus proteja o Rei e o ampare no cumprimento da altissima missão que o destino lhe reservou, pois que da sincera dedicação d'aquelles que o podem ajudar já Sua Magestade não pode duvidar desde a hora feliz da sua partida para a viagem ao Norte.

Devoção particular.

Beijo as mãos da generosa senhora que se dignou escrever-me uma gentilissima carta a proposito da minha ultima chronica do *Brasil-Portugal*.

E em nome da entrevadinha Florinda Barbosa, da rua da Gloria, a quem entreguei os 58000 que s. ex. me enviou para os meus pobres, agradeço muito e muito a generosidade.

E aqui fico ás ordens da «*Pobre Thalassa*», tão rica de dotes de espirito e de coração.

CAMARA LIMA.

Politica internacional

O acontecimento sensacional da passada quinzena foi a publicação feita pelo *Daily Telegraph* de uma entrevista do imperador da Allemanha com um antigo diplomata inglez, cujo nome se não escreve. A natureza das revelações feitas pelo Kaiser explica bem a emoção que semelhante publicação produziu não sómente em Berlim, mas em todas as capitales europeias. Póde dizer-se que passaram ao segundo plano até as preoccupa-



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

No Porto. — El-Rei chegando ao Hospital do Carmo

ções mais graves, como por exemplo as que se ligam com a questão do Oriente, para sómente se discutirem apaixonadamente as palavras de Guilherme II.

Se era este fim, que o seu auctor teve em mira, póde affirmar-se com affouteza que o conseguiu, mesmo além de toda a expectativa. Nunca se assistiu a um escandalo assim no mundo politico e diplomatico. O mais grave, porém, é que d'esta vez as palavras imperiaes tiveram consequencias de outra ordem, que decerto surprehenderam o seu auctor, e consequencias taes que não é facil desde já prevê-lhes o alcance.

O raro condão que teve esta entrevista foi o de desagradar a todos, não ficando ninguem contente com ella. Descontentou a Inglaterra por ter o imperador declarado que a maioria da nação allemã era hostil aos inglezes, e ainda por elle se ter vangloriado de haver formulado o plano, que seguiu lord Roberts para vencer os boers. Descontentou a Franca e a Russia, pela indiscrição do Kaiser revelando as tentativas feitas por estas duas nações para intervirem na guerra do Transwaal. Desagradou no Japão pelas allusões que se fazem a um futuro conflicto no Extremo Oriente, em que o imperio germanico tomaria parte importante. E depois desagradou a todos os partidos na propria Allemanha. Os «pangermanistas» censuraram Guilherme II por ter fornecido á rainha Victoria um plano para esmagar os boers, quando elle proprio era o auctor do celebre telegramma a Krüger, que foi segundo todas as probabilidades a causa determinante da guerra. Os «conservadores» censuram-n'o pelas diligencias ostensivamente feitas n'esta entrevista para conciliar as boas graças da Inglaterra. Os «liberaes avançados» finalmente, e os «socialistas» censuram-n'o por ter mais uma vez, por um acto de

poder pessoal, passado por cima dos seus ministros, comprometendo perante a Europa o prestígio do imperio. Censuram-n'o tambem os diferentes estados da confederação, por elle mais uma vez, e sem audição prévia d'esses estados, ter orientado a politica externa al-



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II
No Porto. — Visita à Escola Polytechnica

lemã n'um sentido que a opinião publica nos paizes confederados condemna como prejudicial aos interesses germanicos. Como se vê a revolta é geral, e d'esta vez clara e aberta contra o poder pessoal de Guilherme II.

A que proposito obedeceria a publicação d'esta inoportuna entrevista, exactamente no momento actual, quando a situação internacional da Allemanha é tão delicada em face da questão dos Balkans? Não é facil sabel-o, embora mais ou menos se possa conjecturar qual a intenção que presidiu ao acto imperial. A entrevista teve o fim apparente de mostrar à Inglaterra que o Kaiser lhe não é hostil. O



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II
No Porto. — Os alumnos do Lyceu D. Manuel II
esperando Sua Magestade

fim principal, porém, parece ser o de semear a discordia entre as tres nações do «triplice accordo», denunciando a uma d'ellas o que as outras duas, apesar de hoje associadas, contra ella quizeram, não ha muito, emprehender. Seria a repetição do que a diplomacia allemã tentou fazer com a America, pretendendo convencer esta ultima nação que por occasião da guerra de Cuba a Inglaterra lhe era hostil e queria auxiliar a Hespanha.

Se este foi o proposito de Guilherme II com a entrevista do *Daily Telegraph*, é forçoso confessar que se enganou em absoluto, e que a sua estrategia foi contraproducente. Acontece-lhe agora o que não ha muito lhe aconteceu, quando quiz separar a França da Inglaterra, destruindo a *entente cordiale*. Então, em vez de separar as duas nações, mais apertou os laços que as uniam, convertendo a *entente* n'uma verdadeira alliança de facto. Hoje em lugar de semear a sizania entre as tres nações do «triplice accordo» tornou esse accordo mais solido. Foi o unico resultado diplomatico da entrevista.

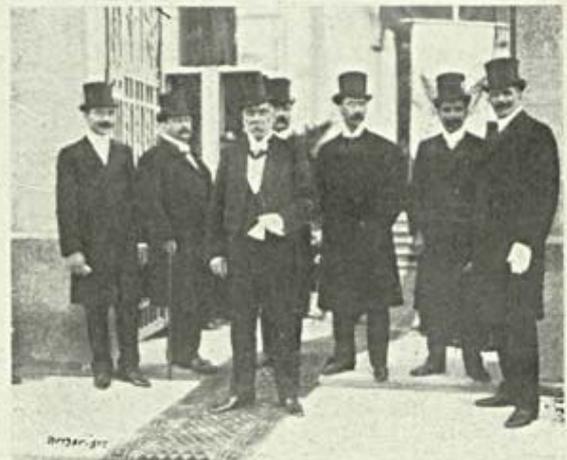
A *gaffe* diplomatica, porém, de Guilherme II não teve apenas uma repercussão de escandalo nos circulos internacionaes. O echo que teve na propria Allemanha foi muito maior e de mais largas con-



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II
No Porto. — El-Rei sahindo do Real Hospital de creanças
«D. Maria Pia»

sequencias. O primeiro resultado da publicação da entrevista no *Daily Telegraph* foi o pedido de demissão do chancellor. Parece que o original da afamada conversa com o anonimo diplomata inglez foi enviado ao principe de Bülow para este o examinar. O chancellor no entretanto não poudé pelos seus affazeres realizar este exame pessoalmente e enviou o manuscrito à competente secção do ministerio dos negocios estrangeiros para dar o seu parecer. Esta por seu turno, ou porque não o examinasse ou porque não lhe comprehendesse o alcance, devolveu-o sem reparo algum, o que significava não vêr inconveniente na sua publicação. Dahi o que se seguiu. O imperador não accitou a demissão do chancellor, mas o ministro dos negocios estrangeiros, o sr. de Schoen, teve de ser sacrificado.

Coincidindo com esta crise ministerial principiou na imprensa a critica desapiadada das palavras imperiaes. Com uma liberdade e uma independencia, que não estavamos acostumados a encontrar na imprensa allemã, analysou ella as indiscrições do Kaiser, condemnando a sua inoportunidade sobretudo no momento actual, e exigindo em nome da opinião publica escandalizada que acabasse de vez a «politica de «Lohengrin», como espiritualmente se expressa a *Taegliche Rundschau*, que só tem causado à Allemanha desastres diplo-



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II
No Porto. — A direcção do Hospicio de Surdos-Mudos
aguardando El-Rei

(Clichs do photographo Cardoso. — Porto)

máticos e humilhações como em Algeciras e agora mesmo a propósito dos desertores da Casa Branca.

Mas o que se passou no Reichstag foi ainda mais grave. Em duas sessões memoráveis e que ficarão historicas, tão grande foi a importância do que ali se deu, todos os partidos desde o ultra-conservador até ao socialista, condemnaram com a maior vehemencia as revelações

Norte que o Kaiser approvou a attitudo do chanceller e deu a este as garantias pedidas. Assim, por agora, a crise resolveu-se cedendo o imperador. Será, porém, definitiva a victoria da opinião publica, e terá de facto Guilherme II renunciado ao exercicio do poder pessoal, que tão grato lhe é, e tanto está no seu caracter altivo e dominador?



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II
No Porto. — Aclamações a El-Rei à sahiã da egreja de S. Francisco

do Kaiser, exigindo que acabasse a sua illegal intervenção nos negocios politicos e diplomaticos, de que tem a responsabilidade constitucional os ministros. Durante dois dias, com insistencia nunca vista, converteu-se o parlamento n'um verdadeiro tribunal para julgar o imperador, e o veredicto final dado por unanimidade foi condemnatorio. O proprio principe de Bülow, de ordinario tão prompto na replica, ouviu silencioso durante essas longas horas o formidavel libello, articulado por todos os chefes de partido e mais personalidades importantes do Reichstag, e só no final ousou produzir uma defesa tão pallida do acto imperial, que de maior condemnação ainda lhe serviu. Nunca se tinha visto cousa assim.

E, como se isto não bastasse, estas duas sessões tiveram ainda o mais extraordinario epilogo: foi o mandato expresso confiado ao chanceller, para elle ir em nome do Reichstag e da opinião publica alvoroçada, relatar ao imperador o estado da opinião, exigir d'elle a promessa de que semelhante facto se não repetiria, e que para o futuro Guilherme II se conservaria dentro dos seus deveres constitucionaes.

A entrevista realisou-se e diz-nos a *Gazeta da Allemanha do*



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II
No Porto. — Sua Magestade sahindo da egreja de S. Francisco
(Cliché do photographo Cardoso. — Porto)

Emquanto a nós, a lueta constitucional na Allemanha principia agora. O que aconteceu é apenas um episodio, o prologo do que está para vir. Não é com simples palavras nem com declarações ambíguas, como a da *Gazeta da Allemanha do Norte*, que a situação se resolve. Passado o primeiro momento de apparente condescendencia à vontade popular, o poder pessoal reaparecerá de novo, tanto mais impaciente de afirmar a sua antiga preponderancia, quanto maior foi a humilhação agora soffrida, que decerto não esquecerá. Dados os precedentes e conhecido o caracter de Guilherme II deve prevêr-se que a lueta vae continuar, embora em condições cada vez mais desfavoraveis para o imperador. Tudo leva a crêr, com effeito, que elle jámais recuperará o antigo prestigio. Por outro lado, é mais de que certo, que elle não perdoará ao chanceller o ter-se este collocado ao lado da nação contra o seu amo, deixando-o de mais a mais a descoberto no Reichstag, sem quasi uma unica palavra de defesa. De modo que tudo leva a crêr que o principe de Bülow é um ministro condemnado. Quando tiver passado mais a actual exci-



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II
No Porto. — Visita à feitoria inglesa. — A guarda de honra

tação, Guilherme II far-lhe-ha o que fez a Bismarck, para o substituir por creatura sua e que seja ao mesmo tempo o paladino do poder pessoal. O ponto escuro para o imperador n'este quadro é apenas como responderá o povo allemão a semelhante desafio.

Mas para a nação e para a Europa ha ainda outro ponto escuro na actual inquietadora situação do imperio. Não soffre duvida que o prestigio pessoal do imperador acaba de soffrer um duro golpe.

É perfeitamente natural que Guilherme II queira readquirir a sua antiga auctoridade e que para isso empregue os maiores esforços. Mas como? Cedendo no interior à vontade da nação e fazendo-se, por assim dizer, o servidor da soberania popular?

Não é provavel dado o feitto do seu caracter. Além d'isso o ceder perante as reclamações publicas podia dar-lhe sympathias, mas não lhe restaurava o prestigio, porque quem cede é sempre um «vencido». De modo que só no exterior, provocando uma guerra de onde sabbisse victorioso, poderia encontrar agora a força moral que perdeu. Foi assim que pensou Napoleão III tentando segurar para o filho o throno vacillante. E' aqui que está o mais grave perigo da situação actual da politica interna allemã. Procurar por meio de um conflicto, em que o patriotismo se achasse empenhado, uma diversão ás questões internas, é expediente que tem tentado mais de um chefe de estado em condições identicas aquellas em que se encontra hoje Guilherme II. Pretextos para o conflicto não faltam. A França está perto, a questão de Marrocos continúa em aberto, e a Inglaterra começa a falar muito alto...

Passará pelo espirito do Kaiser semelhante expediente? Ousará elle pô-lo em pratica se o concebeu?

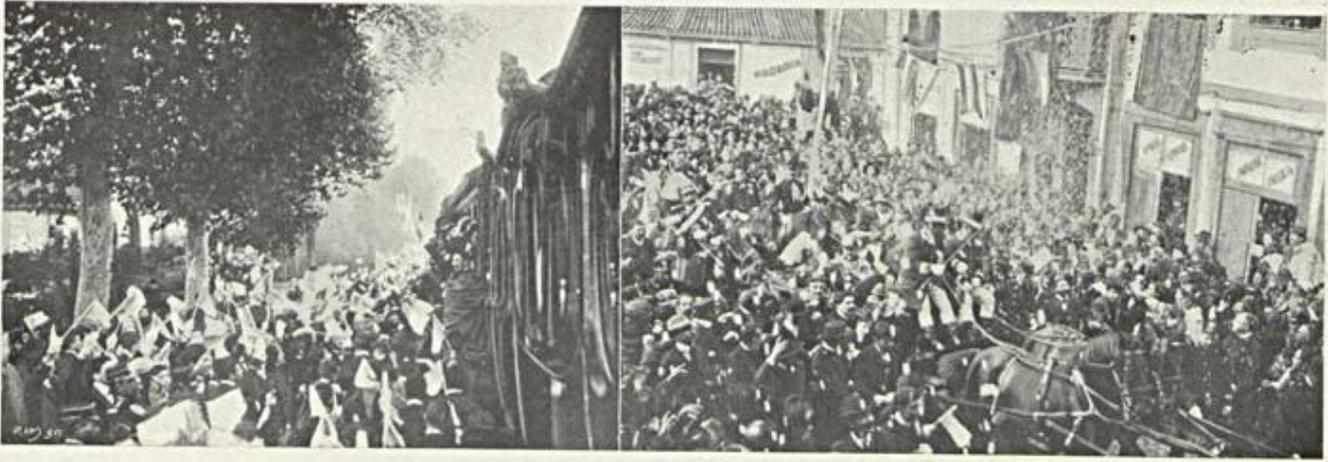
CONSIGLIERI PEDROSO.

D. Sancho, filho segundo de D. Alfonso, rei de Castella, estando em Roma, foi proclamado rei do Egypto pelo papa, sendo este acto muito applaudido por todos quantos se achavam no consistorio.

Ouvindo o principe os applausos e ignorando a causa d'elles, perguntou ao seu interprete de quem era que se estava tratando.

— E' de vossa alteza que acaba de ser feito rei do Egypto por Sua Santidade.

— N'esse caso, respondeu D. Sancho, não quero ser ingrato. Levanta-te e proclama o Santo Padre califa de Bagdad.



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

EM BRAGA. — A chegada de El-Rei. — Manifestações dos seminaristas e da população da cidade

A morte no campo de batalha

(FRAGMENTO)

Pallido e sombrio, como todos os homens do regimento, o príncipe Andrei passeava no prado, de um marco para o outro, perto de um campo de aveia, com as mãos atrás das costas e cabisbaixo. Nada tinha que fazer, nenhuma ordem a dar; tudo se fazia sem que fosse necessaria a sua intervenção: os que iam cahindo mortos ou feridos eram arrastados para fóra das fileiras que se tornavam a unir; os soldados que de repente se afastavam correndo, voltavam logo em seguida a occupar o seu lugar. No começo, o príncipe Andrei achára do seu dever animar os seus homens e dar lhes o exemplo da coragem percorrendo a pé as fileiras, mas depressa se convenceu que nada tinha que lhes dizer. Como cada um d'elles, todas as energias da sua alma só convergiam a um fim: conseguir afastar do espirito o horror d'aquella situação. Trilhava a herva machucada, examinando machinalmente a poeira das botas. Ora seguia a passos largos o sulco deixado pelos ceifeiros, ora ia contando os passos que dera e calculando quantos seriam precisos para chegar de um marco ao outro, ou para fazer uma milha, ora arrancava as hastes de absinthio, que nasciam na orla do campo e esmagava-lhes as flores entre os dedos para lhes aspirar o perfume amargo e forte.



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

EM BRAGA. — Alas de povo esperando El-Rei junto à Sé

Das cogitações da vespera nenhum vestigio restava agora no seu espirito; sem pensar em nada, prestava um ouvido cansado, aos mesmos repetidos ruidos, aos estalidos incessantes das granadas e das descargas da artilharia. De quando em quando, olhava para o primeiro batalhão e esperava.

“Lá vem uma! outra vez direita a nós!”, gritavam nas fileiras, ao ouvir um silvo agudo que o fumo trazia. “Uma!... Outra! Esta acerta!”

Parou, e deitou um olhar rapido sobre os soldados.

... “Não, passa-lhes por cima!”
E recomeçou a passear, alargando o passo para alcançar o marco em dezeseis passadas.

Silvo estridente, um choque. Uma bomba furou a terra secca e desapareceu. Sacudiu-o um calafrio involuntario e de novo olhou rapidamente para as fileiras dos soldados; muitos d'elles tinham de certo ido abaixo, pois formara-se um ajuntamento deante do segundo batalhão.

— Sr. ajudante de campo, exclamou, não deixe agrupar esses homens!

Obedeceu o ajudante de campo e aproximou-se do príncipe Andrei; do outro lado acercava-se-lhe tambem o commandante do batalhão a cavallo.
— Cautella! bradou n'esse momento a voz aterrada de um soldado.

Tal como uma ave de vôo rapido que poisa no chão, uma granada com choque leve, veio cahir aos pés do cavallo do commandante do batalhão, a dois passos do príncipe Andrei.

Sem se preocupar se lhe ficava bem ou mal manifestar o seu terror, o cavallo empinou-se rinchando, e desviando espavoridamente o corpo, quasi que atirava ao chão o major.



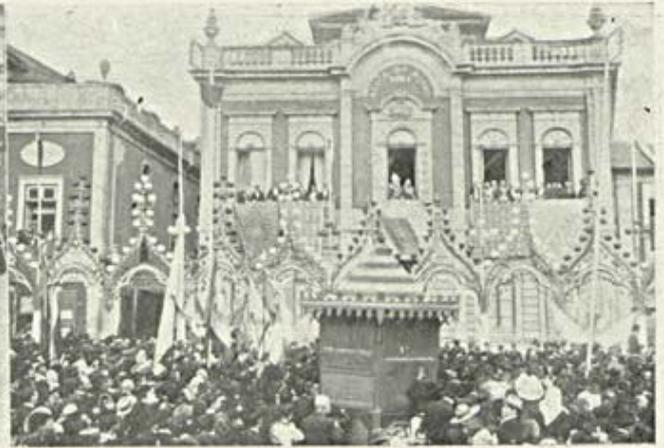
(Clichés do photographo Cardoso. — Porto)

A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

EM BRAGA. — Os seminaristas e os bombeiros municipaes esperando, proximo da Sé, a passagem de Sua Magestade



O collegio de Santa Maria aguardando El-Rei à porta da Camara Municipal



Manifestação feita a El-Rei em frente do Banco do Minho onde sua Magestade almoçou

A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II. — EM BRAGA

— Deite-se! gritou o ajudante de campo.

O principe Andrei, hesitante, conservava se de pé. Como um enorme pião, a granada fumegante girava sobre si mesma na orla do prado, ao lado de um pé de absinthio, entre elle e o ajudante de campo.

— Será possível que isto seja a morte?, pensou o principe Andrei, olhando com um indizível sentimento de saudade para o pé de absinthio e para a tenue voluta de fumo que se enroscava em espiral em volta da granada que corropiava no chão.

— Não posso, não quero morrer; amo a vida, amo aquella herba, e a terra, e o ar., pensava elle.

Logo se lembrou, que todos tinham os olhos n'elle:

— Sr. ajudante de campo, exclamou, é uma vergonha se...

Não concluiu: ouviu-se simultaneamente uma explosão, e, no cheiro suffocante da polvora, um estampido de vidros voando em estilhaços. O principe Andrei deu um salto para o lado, e, levantando os braços ao ar, cahiu de bruços no chão. Correram para elle alguns officiaes; do lado direito do ventre, vermelhejava na relva uma larga mancha de sangue. Os soldados da milicia chamados immediatamente, pararam com as suas macas atraz dos officiaes. O principe Andrei continuava estendido, de peito para baixo, com a face enterrada na relva verde e resfolegando ruidosamente.

— Então! porque param?

Os moujiks (1) adeantaram-se e levantaram-no, pegando-lhe pela cabeça e pelos pés; mas ouviu-se

(1) Aldeãos russos.



A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II
EM BRAGA. — À porta da Sé — Esperando El-Rei

um gemido lastimoso; os aldeãos entrecolharam-se e tornaram a largar o corpo no chão.

— "Então! que é isso! gritou-lhes alguém. — Não ha remedio senão leval-o!"

Tornaram a levantar o e collocaram-no na maca.

— Ah! . . . meu Deus! meu Deus! que é isto! . . . no ventre! . . . Então está prompto! disseram vozes de officiaes. Meu Deus! Meu Deus!

— A bomba assobiou me aos ouvidos! dizia o ajudante de campo.

Endireitando a maca sobre os hombros, os dois moujiks seguiram pelo trilho aberto na relva para os lados da ambulancia.

— Eh! lá! rapazes! acertem o passo! gritou um official detendo pelos hombros os moujiks, que caminhavam sem ordem.

— Caminhar em termos! hein, Fédor! disse o moujik da frente.

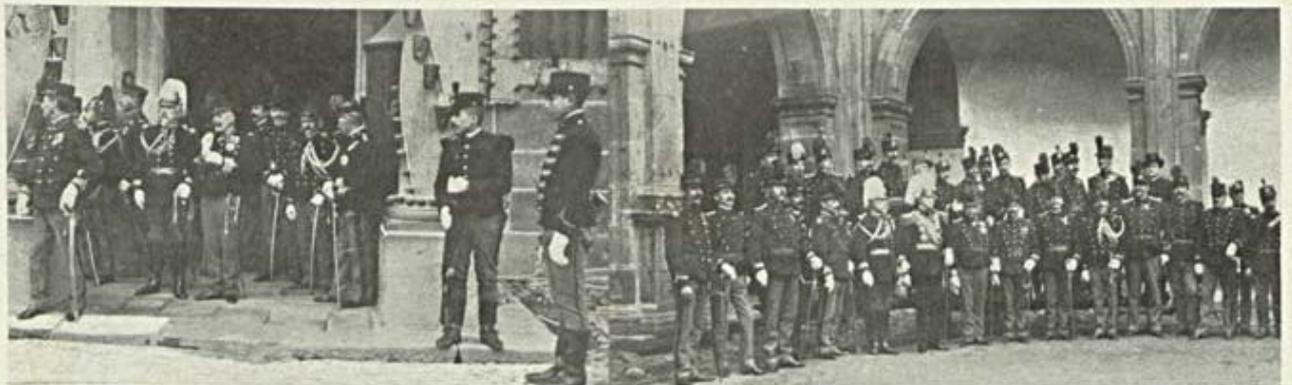
— Não ha novidade! respondeu com satisfação o segundo moujik, marcando o passo pelo do companheiro.

— Excellencia! meu principe! disse Timokhine, o commandante de batalhão, com voz suffocada de lagrimas, acudindo á passagem da maca.

O principe Andrei abriu os olhos, cravou-os n'aquelle que fallava e tornou a cerral-os.

Centenas de corpos, ensanguentados de fresco, que diversas vontades, esperanças sublimes ou mesquinhas, tinham agitado ainda duas horas antes, jaziam agora, com membros rigidos, no valle florido e banhado de orvalho que separava o baluarte das trincheiras, ou sobre o chão liso da capella dos mortos de Sebastopol. Centenas de homens, com pragas ou orações nos labios mirrados, arrastavam se, contorciam-se e gemiam; uns,

broz rigidos, no valle florido e banhado de orvalho que separava o baluarte das trincheiras, ou sobre o chão liso da capella dos mortos de Sebastopol. Centenas de homens, com pragas ou orações nos labios mirrados, arrastavam se, contorciam-se e gemiam; uns,



Clichés do photographo Cardoso. — Porto

A primeira viagem official do Senhor D. Manuel II

EM BRAGA. — Visita ao quartel de infantaria n.º 8. — Sua Magestade em grupo com a officialidade

A Senhora Dona Amelia no Porto



A Legião Azul esperando Sua Magestade

abandonados entre os cadáveres do valle florido, outros por cima das macas, dos leitos e do sobrado molhado da ambulancia. Porém, como nos dias anteriores, o ceu illuminava-se com claridades de aurora por sobre o Mouk-Sapoun, a pouco e pouco desmaiavam no horizonte as estrellas reluzentes e uma clara nevoa vinha subindo do mar sombrio e sussurrante. A madrugada incendiava o oriente; finas nuvens cõr de purpura deslizavam nos ceus cõr de azul claro; e como nos dias anteriores, prometendo alegria, amor e ventura á terra reanimada, o luzeiro deslumbrante e soberano, subia, subia sempre, no ar sereno.

Conde Leão Tolstói.

OS SINOS

Os sinos foram introduzidos em França no anno de 550 sob Childeberto e Clotario 1.º, filhos de Clovis.

Antes da sua invenção, serviam-se de umas taboas que se chamavam sagradas, sobre as quaes se batia com um maço para chamar os fieis á Igreja. — Ao principio benzeram-se simplesmente os sinos, e depois batizaram-os, cerimonia que ainda hoje se pratica em varios paizes.

Em 610, eram os sinos tão pouco conhecidos, que o exercito de Clotario que sitiava Sens, atterrado ao ouvir o seu espantoso tinnido, diz certo auctor, levantou o cerco, e poz-se em fuga.

O maior sino que se conhece é um que existe em Moscow, o qual peza de 360 a 400.000 libras, chamado Tzar Kolokol, ou o Rei dos Sinos.

Em tempos bastantes remotos, havia em França um costume extraordinario, que andava annexo á dignidade de Commandante em Chefe de artilharia. Quando se tomava uma cidade sobre a qual se



A rainha senhora Dona Amelia no Porto

Na Praça de D. Pedro — A rainha a caminho do paço
(Clichés do photographo Cardoso — Porto).

tinham disparado alguns tiros de canhão, pertenciam-lhe os sinos das Igrejas e os utensilios de cobre ou de outro qualquer metal, devendo ser resgatados pelos habitantes, salvo se na capitulação houvesse uma convenção contraria a esta disposição singular. Todavia o Commandante em Chefe não guardava para si de ordinario mais do que uma parte do resgate, e distribuia o resto pelos officiaes de artilharia que estavam debaixo do seu commando. Este costume, que tinha cahido em desuso desde a suppressão do cargo de Commandante em Chefe de artilharia, foi restabelecido por Napoleão, em 1807, na occasião da tomada de Dantzig. A cidade resgatou os seus sinos, e a importancia em que foram avaliados foi distribuida nas proporções abaixo descriptas:

General de Brigada	4.000 francos
Coronel	2.000 "
Commandante de Batalhão ..	1.200 "
Capitão	600 "
Tenente	300 "
Quartel Mestre	100 "
Sargento	25 "
Cabo	18 "
Artilheiro	12 "

Os sapadores e mineiros foram comprehendidos n'esta distribuição. Metade das quantias acima mencionadas foi distribuida pelas patentes correspondentes nas Tropas auxiliares de artilharia e do trem.

Como foi creado o preto

E' muito original e interessante a lenda que corre na America, entre os negros, relativamente á sua origem.



A rainha senhora Dona Amelia no Porto

Sua Magestade na Assistencia Nacional aos Tuberculosos

No tempo da creação do mundo, Satanaz, vendo o Padre-Eterno crear Adão d'um pedaço de barro, quiz tambem fazer o mesmo.

Pegou n'um pedaço de argila, deu-lhe as mesmas voltas que vira dar-lhe Deus, e depois insuffou-lhe a vida n'um sópro.

Mas com grande espanto e com grande raiva sua, esse bocado de barro, como tudo o mais em que elle tocava, ficou preto.

Ali ao pé corria limpido e transparente o branco rio Jordão. Satanaz teve uma ideia: lavar o seu homem para lhe tirar a negrura.

E pegou n'elle pela cintura, como se pega n'um cachorro, e mergulhou-o no rio.

Mas as aguas do Jordão afastaram-se immediatamente com a aquella negrura, e o homem de Santanaz, o primeiro negro, apenas mergulhou os pés e as mãos no lodo.

E por isso só as palmas das mãos e dos pés ficaram brancas.

Furioso com o seu desastre, Satanaz perdeu a cabeça e pespeguo um famoso murro na cara do seu negro, um murro que lhe achatou o nariz e lhe fez inchar os labios.

O desgraçado preto pediu misericordia, e Satanaz, passado o primeiro momento de furia, vendo que no fim de contas o negro não tinha nenhuma culpa de ser assim, teve dó d'elle, arrependeu-se de repente do seu genio e acariciou-o, passando-lhe a mão pela cabeça.

Mas a mão do diabo queima tudo em que toca: crestou o cabello do negro como se os seus dedos fõessem ferros de frisar.

E foi d'ahi que o preto ficou com carapinha.

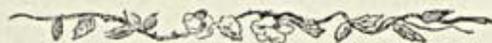


Guarda joias comprado por Sua Magestade
por ocasião da sua visita á joalheria Reis, do Porto
(Cliché da photographia Alvão — Porto).

Tem a forma d'um paralelepipedo, assente em quatro garras e com columnellos nos angulos, terminando por um conjuncto de acanthos sobre os quaes se forma uma esfera armilar encimada pela cruz da ordem de Christo. A decoração de toda a peça é em ogivas, correntes e cordas maritimas segundo o estylo manuelino e nas quatro faces do cofre ha uns baixos relevos com as caravellas e varineis das antigas navegações portuguezas tendo nas vellas a cruz de Christo.

Abre pela parte superior e tem um douramento interno.

A feição artistica d'este elegante cofre patenteia um perfectissimo cinzelamento em prata que muito honra a officina em que foi executado e o bom gosto dos primeiros joalheiros portuenses os srs. Reis.



Marianna

(Ao Visconde de Castellões)

Marianna de dois rostos
Qual d'elles mais mentiroso!
Maria dá-me desgostos
Anna faz-me desditoso...

Parece-me a Marianna
Duas flôres no mesmo pé,
A Maria — deshumana,
A Anna que não no é.

Branca flôr de laranjeira
Rubra flôr d'ardente rosa
Uma casta, outra brejeira,
Marianna desdenhosa!

Mas quando a Maria diz sim
Logo a Anna diz que não
Marianna ri de mim,
Nenhuma tem coração.

Disse a Anna que a persigo
Mentiu Maria sem pejo.
Maria está mal commigo
Mas a Anna deu-me um beijo!

Deve ter amor dobrado
Marianna, dupla face,
Não lhe abaste um namorado
Que Maria e Anna abraçe.

Pedi-lhe um beijo — cedeu.
Marianna repetiu.
Anna não se arrependeu,
Maria por que fugiu?

Se Maria, Marianna,
Der outro beijo em alguém
Olha não o saiba a Anna:
Vai dar-lhe um beijo também.



Arthur Azevedo

Morreu este insigne litterato brasileiro, um mez depois de Machado de Assis, presidente da Academia Brasileira de Letras.

Machado de Assis e Arthur Azevedo não deixaram successores. Eram duas individualidades assignaladas, de caracter proprio.

Arthur Azevedo dedicou-se a todos os assumptos, escrevendo ao mesmo tempo como chronista, como critico, como dramaturgo, e como folhetinista ligeiro e ameno.

Era o escriptor mais querido e popular do Brasil.

A sua vocação não se fatigava, nem diminuia apesar de sujeita aos tratos de uma laboriosa improvisação.

Os seus versos teem a doçura amena, a suavidade deliciosa de uma organização sentimental.

Arthur Azevedo foi poeta desde creança e conservou até á morte a alma poetica. E' o mais notavel e o mais fecundo dos auctores dramaticos brasileiros.

São mais de cincoenta as suas peças originaes.

A *Joia*, comedia em verso primoroso e espontaneo, *O Bandolim*, tambem em verso, *Casa de orates*, *Uma noite em claro*, *Amor por annexins*, *O retrato a oleo*, *O Dote* (que está no repertorio da grande actriz Tina di Lorenzo) *Uma vespera de Reis na Bahia*, *Viagem ao Parnaso*, *A pelle de lobo* — eis os titulos das mais applaudidas.

Arthur Azevedo possuia o raro condão de ter espirito, dentro dos limites da cordura, que a boa sociedade impõe aos que a frequentam. Trabalhou para o theatro brasileiro, com a mesma dedicação de Almeida Garrett pelo theatro portuguez.

Em Arthur Azevedo, que tinha o estímulo de todas as almas nobres, admirava-se o talento e estimava-se a pessoa.

Visconde de S. Joaventura.

Inauguração do monumento a Pinheiro Chagas



O director da «Mala da Europa» lendo o seu discurso



Inauguração do monumento a Pinheiro Chagas

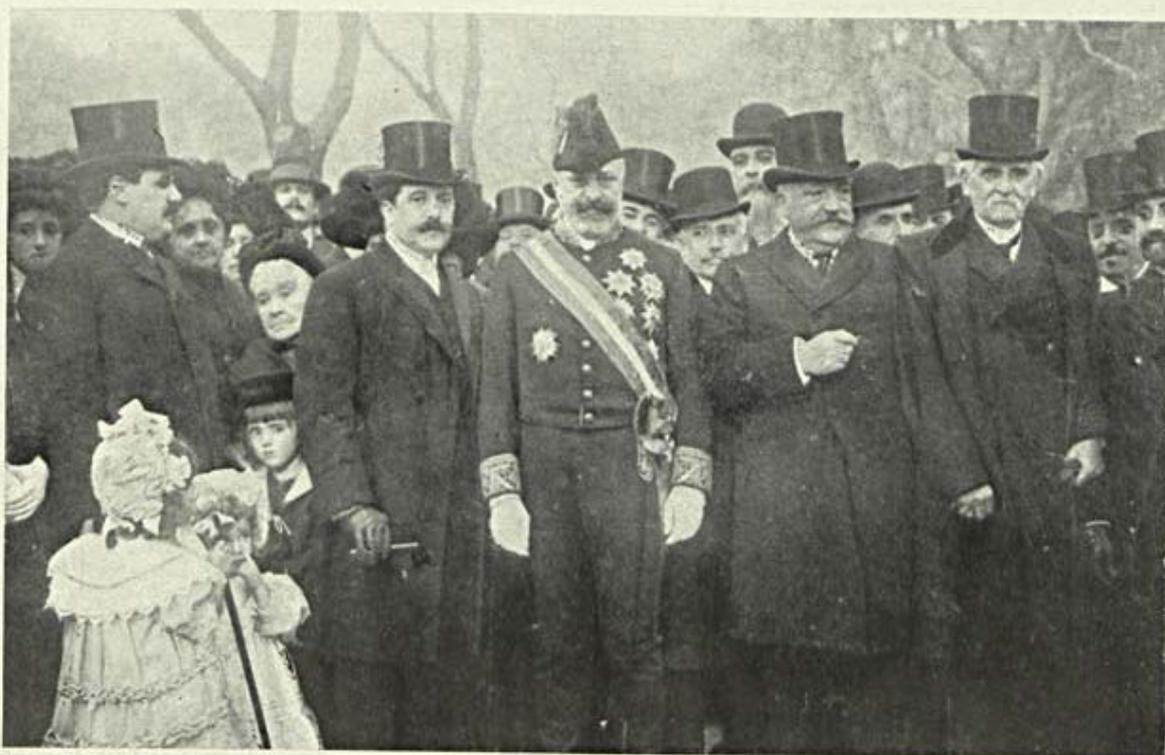
O visconde de S. Boaventura discursando

Pinheiro Chagas, o orador

A Musa tribunicia de Pinheiro Chagas possuía as linhas calmas e ondeantes, a pureza escultural de uma estatua do Parthénon, talhada em porphyro pelo escôpro de Phidias. As suas carnes, contornadas como o flanco de um vaso, parecia que se tinham banhado na fonte pura de Castalia; os seus cabellos doirados lustraram-se ao sol da Attica e fluctuavam, re-

volto, ao vento da inspiração; em redor da sua fronte augusta, como que volteavam, a'ados, os nobres pensamentos, da mesma maneira que um enxame de abelhas esvoaça em torno de um ramo de rosas immarcescíveis de Jerichó. A sua physionomia era expressiva como a dos modernos rostos de Clésinger ou de Carpeaux; os seus lábios, repassados de finura, entreabrindo-se como uma bolsa de velludo granada cheia de perolas, eram graciosamente repuxados nas commissuras pela *smorfia* do humorismo; os olhos, cheios de fogo, reflectiam o cariz celeste d'essa Grecia radiosa, em cujo litoral se espreguiçavam as ondas do Egeu e do Jonio, enquanto vagamente se escutava essa musica das esferas de Pythagoras, harmonia cosmica que fazia estremecer de ideal encanto o divino Platão. Aquella Musa tinha a correcção das Lívias e das Aggrippinas, a belleza pura da Helena homérica, e os seus admiradores, como faziam os velhos ás portas Scéas, deviam levantar-se quando ella passava cingida pela chlamyde. Seus cothurnos de bronze subiam admiravelmente toda a gamma da eloquencia. Mas se era inteiramente atheniense na fórma, era, nos movimentos vivazes, bem expressivamente d'esta peninsula, que deu a palavra ardente de Seneca e de Luciano á tribuna romana. Pinheiro Chagas, que, na imprensa, era irmão gêmeo de Emilio de Girardin, pertence a essa constellação de oradores, que tem illuminado com vividos clarões a tribuna luzitana e em que fulguram, como estrelas de primeira grandeza, Garrett, José Estevão, Rebello da Silva e Antonio Candido.

Orador nervoso e apaixonado, possuindo a fundo a *technica* da arte, em Pinheiro Chagas parecia habitar a divindade, esse *Deus in nobis* dos romanos, que se chama — o entusiasmo. Nos seus discursos, em que a phrase era lapidada como pedras preciosas, cinzelada como os triglyphos da Acropole, elle sacrificava, com toda a solemnidade do ritual, nos altares da Niobe do estylo; cantavam doces alvoradas do Minho, avelludados murmúrios do Mondego, apaixonadas endeixas do Guadiana; espelhava-se o anil do nosso céu, os esplendores coruscantes do nosso sol, a luz opalina do nosso luar, as toalhas de prata liquida dos nossos rios, o oiro quente do fructo dos nossos laranjaes; retratava-se o Douro espumoso, referendo em cachões nas penedias, as bellezas alpestres do Marão, os cumes nevados da Estrella, os contornos boleados do Caramulo; reflectia-se o fuzilar do raio, cortando a escuridão como se fóra uma longa fita de luz; circulava a aura tepida e perfumada das nossas noites de estio e das nossas manhãs primaveris, quando, aos fremitos da briza, as



Inauguração do monumento a Pinheiro Chagas

O representante de El-Rei, tendo à sua direita o dr. Mario Pinheiro Chagas e à esquerda o director da «Mata da Europa»



Inauguração do monumento a Pinheiro Chagas. — A família de Pinheiro Chagas

olaias se abotoam de coraes. Atravez das suas palavras, perpassava ora a graça de Beaumarchais, casquinando risadas travessas, ora a Nemesis justiceira, envolta na tunica inconsutil; vibravam cantos frementes de Tyrteu e melodias orvalhadas de Rossini, soprava o lyrismo lamartineano e gemiam nocturnos de Chopin; umas vezes, divisava-se o perfil tragico e convulsionado das Eumenides, outras vezes, a figura zombeteira e saltitante do Espirito gaulez. Os seus ataques revestiam a audacia de uma carga de couraceiros em Reichshoffen, estrellando-se deante dos canhões prussianos, ou a de Milhaud em Waterloo contra as bayonetas dos batalhões vermelhos de Wellington; as suas réplicas tinham o impeto de uma *riposte* de

florete n'um assalto de armas de Grisier, os seus ápartes a sanguinea petulancia de uma sorte tauromachica, as suas apostrophes a ardencia de Leonidas no passo das Thermopylas; os seus ditos sarjavam a derme como o chambrié de Lola Montes, ferretejavam como um juizo terso de Tacito.

A voz vibrante de Pinheiro Chagas era o echo perfeito d'essa eloquencia mascula, energica e arrebatadora, que Mirabeau e José Estevão foram esconder nas sombras do tumulo.

PINTO DE CARVALHO (*Tinop*).



Inauguração do monumento a Pinheiro Chagas. — Alguns dos redactores e collaboradores do «Correio da Manhã»